

3 O Pensar

Toma-o nas mãos Moisés, mostra-o ao mundo, e chama-se Jeová. Ergue-o Maomé entre os povos, e chama-se Alá. Deixa-o Cristo cair do alto da sua cruz, e chama-se Amor. De cima de uma guilhotina o atira Robespierre para o meio das multidões, e chamam-lhe Direitos do homem e Revolução. E Hegel, levantando a cabeça de sob as ondas imóveis e tristes da abstração, lança nos ventos que a levem ao mundo, esta palavra – Idéia!

ANTERO DE QUENTAL

Derivado do Latim *pensare*, este verbo significa, “formar ou combinar no espírito pensamentos ou idéias; fazer reflexões: refletir, raciocinar; avaliar pelo raciocínio: julgar, imaginar; delinear mentalmente: meditar; imaginar, supor; [...].”(FERREIRA, p.1064).

A partir das definições acima, tem-se uma idéia mais completa da transformação sofrida por Antero num assunto que, aparentemente, não se enquadraria num ponto de vista tão racional: o seu pensamento de Deus.

Nesse momento, entretanto, envolvido pelas leituras de Hegel, Antero percebe que o seu pensamento se sobrepõe a tudo o que até então considerara definitivo, e é assolado por oposições que provocam uma constante evolução no seu modo de pensar. Suas crenças revolvem-se, atordoam-no e, de indubitáveis, passam a exigir respostas: “[...] tenho um verdadeiro interesse, penso, sinto; mas como é outro ser que em mim critica, que em mim discute, o verdadeiro eu, a consciência, o coração, estão desolados.” (SÉRGIO, 1956, p.13)

Torna-se difícil opor suas certezas ao que de novo se lhe apresenta: a “oposição entre o seu “sentir” e o seu “ver”; entre o seu “imaginar” e o seu “pensar”; entre a sua “natureza” e o seu “espírito”. (Ibidem, p.13)

Envolvido pela dialética hegeliana, percebe as contradições a que se expõe quando, pretendendo racionalizar suas crenças, inclui entre elas a sua fé em Deus. Em sua mente, misturam-se de modo irreversível as suas preocupações: Revolução, Direitos Humanos, Justiça, Amor, Deus.

A essa série de abstrações (teses) serão propostas oposições (antíteses) que se encaminharão para um desfecho apaziguador (síntese) que, por nunca acontecerem, agravarão sobremaneira o estado aflitivo e inquiridor de nosso poeta:

É porque a mente iluminada do pensador e do apóstolo era a hóspeda de um corpo infinitamente afligido, vítima de uma tortura ininterrupta e diabólica, e porque vivia no meio de uma sociedade néscia, acanhada, sufocadora, alanceante, para todas as almas verdadeiramente nobres e doentamente melindrosas. (Ibidem, p.8)

Afastava-se, desse modo, Antero do *seu* Deus, tratando-O como mais um tema a fazer remexer o seu intelecto: esse Deus, agora humanizado, deixa de exercer o papel de Pai onipotente para se agregar ao mundo dos homens, passando a exercer, portanto, um papel subalterno:

[...] a nova epopéia de Antero é fundamentalmente filosófica, e os seus heróis são entidades abstratas – o Homem, a Igreja, a História, a Idéia – grandes palavras, mas sem conteúdo dramático. O próprio Cristo – único protagonista individualizado de um ou outro poema – é um Cristo de Cenário, herói passivo, já crucificado por uma condenação que subalterniza a sua humanidade em proveito da figura exemplar, subtraída ao mundo das paixões. (JÚDICE, 1983, p.7)

É esse Deus, tornado humano, que vamos encontrar nesse momento do *pensar* anterior.

Citada por Antero na Carta a Wilhelm Storck como “[uma] espécie de revolução intelectual e moral que [nele] se deu”, (RODRIGUES, p.138) essa mudança foi a consequência da “irrespeitosa agitação intelectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercutir-se as encontradas correntes do espírito moderno” (Ibidem, p.138).

Da leitura dessas “encontradas correntes” formou-se o alicerce necessário às interrogações que, no capítulo anterior, se apresentavam latentes e, neste, vão encontrar solo fértil a que se reproduzam e dêem origem a poemas.

Mas, a que “encontradas correntes do espírito moderno” se estaria referindo Antero, e que poder as mesmas teriam para que tal mudança causassem em sua formação? Que objetivos transformariam Antero, fazendo com que, aparentemente, se desfizessem os laços que, da longínqua São-Miguel, o mantinham amarrado às crenças e tradições de seus antepassados?

Sintonizado com as importantes questões que agitavam o século XIX europeu, Antero se põe como líder de uma geração, congregando em torno de si alguns dos homens

mais talentosos de seu tempo, conquistando-lhes a admiração, a amizade e o respeito. Desse período é elucidativo o depoimento de Eça de Queirós:

Coimbra vivia então numa grande atividade, ou antes, num grande tumulto mental. Pelos caminhos de ferro que tinham aberto a Península, rompiam cada dia, descendo da França e da Alemanha (através da França), torrentes de coisas novas, idéias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários [...] cada manhã trazia a sua revelação, como um sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel e Vico, e Proudhon; e Hugo tornado profeta e justiceiro dos Reis; e Balzac com o seu mundo perverso e lânguido; e Goethe vasto como o universo; e Poe, e Heine, e creio que já Darwin, e quantos outros! Naquela geração nervosa, sensível e pálida como a de Musset, [...] todas estas maravilhas caíam como à maneira de achas numa fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumarada. (QUEIRÓS, 1993, pp.479/480)

Na vida acadêmica de Antero, tumultuada e rebelde, circulavam obras de cunho histórico, político, idealista, social, naturalista que, fazendo fervilhar os estudantes, provocavam atitudes rebeldes que se erguiam contra as posições mais conservadoras, tanto na política como no meio acadêmico ou na literatura. Data dessa época a polêmica com António Feliciano de Castilho: a célebre Questão Coimbrã, na qual Antero, de modo irredutível, defendia o direito à liberdade de pensamento às novas gerações:

V. Excia. fez-se chefe d’esta cruzada tão desgraçada e tão mesquinha. Não posso senão dar-lhe os pêsames por tão triste papel. Mas, se eu, como homem, desprezo e esqueço, como escritor é que não posso calar-me; porque atacar a independência do pensamento, a liberdade dos espíritos, é não só ofender o que há de mais santo nos indivíduos, mas é ainda levantar mão roubadora contra o patrimônio sagrado da humanidade – o futuro –. É secar as nascentes da fonte aonde as gerações futuras têm de beber. É cortar a raiz da árvore a que os vindouros tinham de pedir sombra e sossego. É atrofiar as idéias e os sentimentos das cabeças e dos corações que têm de vir. (QUENTAL, 1942, p.33)

Por essa época (1866), já imbuído do espírito socialista, Antero ingressa na Imprensa Nacional, disposto a tornar-se tipógrafo e assim passar a viver de acordo com os seus princípios. Meses depois, muda-se para a França, decidido a “encarar de frente a vida”. Decepciona-se, entretanto, com o tipo de trabalho “[...] triste, como todo trabalho moderno, forçado, pálido e dividido, desnatural e injusto...” (CARREIRO, p.281)

Estafado, física e emocionalmente, volta a Portugal (Guimarães) onde se refaz do desgaste sofrido, só voltando a Paris três meses depois, ainda em busca de respostas: “O ser *naturalmente religioso*, o ter perdido, à entrada da adolescência, a fé católica em que fora

educado e o ver-se lançado na dúvida e na incerteza, levam Antero à busca de Deus pelos caminhos da Filosofia.” (BERARDINELLI, 1985, p.159)

Seu retorno a Paris é marcado pela visita que faz a Michelet quando, usando um sobrenome de sua família (Betencourt), aproxima-se, oferecendo-lhe sua obra para leitura e posterior julgamento, sem que pudesse ser reconhecido. Essa obra, as *Odes Modernas*, foi elogiada por Michelet numa carta doada posteriormente à biblioteca pública de Ponta-Delgada.

Através desse autor, Antero absorve idéias de Platão, para quem Deus era o Bem, e a esse Bem se ordenavam todos os outros valores ideais, a Verdade, a Justiça, a Beleza, o Altruísmo. Para Antero, entretanto, o Bem é imanente e subjetivo ao homem, surgindo dessa visão o seu pampsiquismo:

[...] o ideal de uma comunhão de consciências, consigo próprias e com as outras consciências, um pampsiquismo,[...], que sem sair do naturalismo (quero dizer, sem sair para o sobrenaturalismo), harmoniza o materialismo das ciências naturais com o espiritualismo; sem arredar pé do espírito moderno, queria Antero chegar teoricamente àquela profundidade de compreensão do homem interior [...] a que os místicos chegaram. (QUADROS,1993, p.68)

É com esse olhar, onde se mesclam as visões materialistas e espiritualistas de Antero, que ele escreve um célebre artigo inspirado na *Bíblia da Humanidade*, influente obra de Michelet:

Mas que importa esse Deus, que nenhum olhar pôde ainda descobrir no deserto dos céus, se de um céu interior, tão puro e tão belo, sai para cada ouvido atento uma voz divina, e uma sibila misteriosa deixa cair dos lábios, palavra a palavra, o oráculo sucessivo do destino dos homens? Se a alma cria deuses e, respirando, espalha o infinito em roda de si, - é que lá dentro alguma coisa infinita se concentra e o *divino* se esconde para se manifestar dia a dia na revelação constante chamada Vida. É que cada um de nós dá em seu peito morada a um grande desconhecido que ali existe, cuja voz grave se ouve a espaços e nos alumia a face com os relâmpagos da sua glória [...]. É o Deus, que o Universo esconde, revelando-se pela consciência. E o absoluto, que fora nem podemos entrever, ei-lo vivo e palpitante em nosso coração [...]. Sim. Esse Deus, buscado em vão na vastidão dos céus desertos, que não revela a imensidade desoladora e fria, ei-lo enfim que o vemos concentrado no fundo da consciência [...]. É a luz, que nos sai de dentro, e diante dos nossos olhos se agita, convidando-nos a segui-la em seu correr [...]. A força que a determina [a lei humana] não lhe vem de fora, de alguma mão escondida entre as nuvens gloriosas de algum céu

inatingível. De dentro vem, como as folhas do lírio, que se abre, vêm todas do botão que as continha em suas dobras, como todos os suspiros vêm do coração que deseja, e não do objeto que os acorda. (SÉRGIO, 1956, p.265/266)

Michelet e Proudhon influenciaram de modo indiscutível a formação de Antero, “nomeadamente pela ponte que estes autores estabelecem para o pensamento alemão”(PEREIRA, 1993, p.23), quando numa tentativa de apreensão total do passado histórico, projeto esse que percorre os trabalhos dos franceses, tentará fazer a “singular aliança do naturalismo hegeliano e do humanitarismo radical francês” (RODRIGUES, p.138). Essa releitura do passado, baseada no radicalismo francês e no idealismo alemão, acompanhará toda a primeira edição das *Odes Modernas*. (PEREIRA, p.23)

Ao tomar contato com *A Bíblia da Humanidade* (1864) de Michelet, houve, por parte de Antero, uma “recolha de elementos para uma ‘mitologia do amor’, [um fortalecimento d]a compreensão da vida na história, na sua paixão e na sua melancolia, permitindo que o homem tom[asse] consciência de ser um deus que [...] ignora a ‘revelação da sua mesma divindade.’” (PEREIRA, p.24)

Essa busca da divindade dentro do próprio homem viria a ser o “anunciado encontro” com o Absoluto, que só se revelaria algum tempo depois, vindo a permitir-nos o entendimento da intensidade da adesão de Antero a Michelet:

Se a alma cria deuses e, respirando, espalha o infinito em volta de si – é que lá dentro alguma coisa infinita se concentra e o divino se esconde para se manifestar dia a dia, na revelação constante chamada Vida. (PEREIRA, p.24)

Segundo Bruno Carreiro, data de 1870 o “início do período da atividade de Antero na vida política, especialmente no movimento socialista português” (CARREIRO, p.322), embora date de 1860-1865 o início de suas idéias revolucionárias baseadas, principalmente, nos textos de Michelet, Proudhon e Hegel:

O panorama do mundo novo, tão diverso [...], exortou-o naturalmente à revisão da ideologia romântica, e mais do que revisão, oposição. Ao patriotismo exaltado dos românticos, opunha o amor da humanidade; à religiosidade tradicional, a filosofia idealista, impregnada de hegelianismo; ao culto da individualidade, a confiança na capacidade das massas e a fé na realidade do espírito universal;[...] (CARREIRO, p.224)

Dentro da visão humanitária do Socialismo, num primeiro momento, Antero, ainda muito preso à religião, terá como referência principal o francês Proudhon e seu Socialismo Utópico ou Romântico, porque “exp[õe] os princípios de uma sociedade futura ideal, sem indicar os meios para torná-la real [e] parte da premissa de que o homem, possuindo uma natureza boa, embora pervertida pelo capitalismo, pode livrar-se das influências corruptoras mediante o apelo à justiça, à razão e à solidariedade humana”. (AQUINO, JACQUES, DENIZE e OSCAR 1994, p.232)

Num segundo momento, teremos o Socialismo Científico de Marx e Engels cujas idéias são influenciadas pelo pensamento de Hegel que, ao contrário do Utópico, “[...] não procura construir abstratamente uma sociedade ideal, mas, baseando-se na análise das realidades econômicas, da evolução histórica e do capitalismo, formula leis e princípios determinantes da História em direção a uma sociedade sem classes e igualitária”. (Ibidem, p.233):

Socialista sempre, mas também crente no valor fundamental da liberdade. Hegeliano de certo modo, marxista segundo alguns, proudhoniano para a maioria,”(PEREIRA, p.37) “Antero leu muito mais Proudhon, o desigual e contraditório Proudhon, do que leu Marx: a insistência anterior sobre a “Revolução”, relacionando-a paradigmaticamente com a “Justiça”, era um reflexo do proudhonismo, como o era a idéia da verdade e da história como verdadeiras instâncias morais, tal como se acha em certas páginas do pensador português. (PEREIRA, pp. 38/39)

De certo modo, Antero está nesse momento substituindo a fé perdida por um outro tipo de crença: de sua (re)ligação com Deus, passamos agora a uma tentativa de (re)ligação com os homens, portanto, uma outra espécie de religião, “é um socialismo de *consciência*, um socialismo idealista[...]”, (BERARDINELLI, 1987, p.715) e, ainda segundo António Sérgio, de base proudhoniana. (Ibidem, p. 714):

Nada disso altera ou enfraquece o voto de obediência que fiz nas aras da Revolução, pondo-me todo e tal qual sou, defeitos e qualidades, força e fraqueza, ao serviço da grande idéia. Nisto estou firme, e não admira, porquanto, tendo chegado a entrever a Revolução na sua idealidade, deixe-me dizer, no seu misticismo, encontrei o que o meu temperamento místico me pedia, uma religião e agarro-me a ela com a tenacidade com que tais temperamentos se abraçam ao que lhes é intimamente adequado. Tomei a Cruz e hei-de morrer debaixo dela, mas sem a largar. (CARREIRO, p.327).

A opinião de Antero, emitida na carta a W. Storck, reafirma a importância de Hegel, quando declara: “o hegelianismo foi o ponto de partida das minhas especulações filosóficas, e posso dizer que foi dentro dele que se deu a minha evolução intelectual”.

Emergindo de “sob as ondas imóveis e tristes da abstração”, surge a Idéia hegeliana (traduzida na série de sonetos que recebeu de Antero o mesmo nome) e que se resume na busca da Filosofia do Espírito por Hegel:

A Filosofia do Espírito é a parte mais nobre de todo o sistema hegeliano.[...] À Filosofia do Espírito cabe dedicar-se ao estudo da Idéia em seu caminho de retorno a si mesma por meio de todas as obras do espírito. Apesar de tomar a teologia cristã como símbolo de sua Filosofia do Espírito, Hegel concebe o Espírito humanizado e imanente ao mundo. A sua noção de Espírito está muito mais próxima da noção romântica, [...] segundo a qual o *Geist* (Espírito) se apresenta como uma força latente na natureza, do que a tradicional noção cristã de Deus.

Depois de se exteriorizar na natureza, o Espírito retorna a si mesmo através da atividade do espírito presente no homem. Não há outra natureza pensante senão o homem e, por isso, o homem não é natureza, mas espírito. Assim, a Filosofia do Espírito se desenvolve como um grande tratado sobre o homem como consciência que pensa a si mesmo e a todas as produções de seu espírito. (HRYNIEWICZ, 1999, pp.425/426)

Na busca desse Espírito Absoluto, Antero precisará vencer etapas: na primeira delas teremos o Espírito Subjetivo: “a vida do espírito se inicia como subjetividade, como espírito individual”. (Ibidem, p.426) Sua característica principal é a presença da alma, sendo, portanto, interior ao homem.

Num segundo passo, com o aparecimento da liberdade, “o espírito sai de sua subjetividade e entra no mundo concreto das manifestações objetivas: a criação racional das instituições sociais e jurídicas” (Ibidem, p.426): surge a propriedade, a família, a sociedade. Sua síntese se dará por meio do Estado que, totalizando os “interesses individuais, familiares, coletivos, privados e públicos” (Ibidem, p. 426) formará o Espírito Objetivo.

Chega-se, enfim, ao Espírito Absoluto que, “[sendo] a esfera mais sublime em toda a trajetória de interiorização do Espírito” (Ibidem, p.426/427), formará uma sintonia perfeita entre homem e espírito. Destacam-se, nessa fase, através do *saber absoluto*, as “mais altas realizações do espírito humano [...] a arte, [...] a religião, [...] a filosofia [...]”. (Ibidem, p.426/427)

Vemos, portanto, o quanto de importância teve a filosofia de Hegel para explicar o processo de busca do Absoluto em Antero.

Das três correntes ideológicas (Michelet, Proudhon e Hegel), formou-se o pensamento responsável por guiar toda uma geração de intelectuais portugueses e, pela criação, por Antero, de notáveis sonetos de cunho filosófico.

O *pensar* anterioriano, num momento de vivências tão renovadoras, fará com que se modifique a sua noção de Deus: ao inatingível de um primeiro momento virá opor-se uma outra espécie de divindade com caracteres humanos, revolucionários, provenientes de sua nova visão filosófica dos problemas do mundo.

Em Portugal, um grupo de escritores e intelectuais que ficou conhecido como a Geração de 70, manteve-se sintonizado com as principais discussões que ocorriam no cenário europeu de sua época e alterou sobremaneira o panorama cultural português ao discutir a identidade nacional e o papel de Portugal na Europa da época: surgem as *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*.

Questionando principalmente o clero e a Igreja, essa geração percebeu que, para destruí-los, era preciso antes dessacralizar o Cristo, transformando-o num homem, negando-lhe a divindade.

É nesse ambiente, portanto, que a Geração de 70 produzirá a sua obra, refletindo sobre Portugal e sua atuação no palco do mundo.

A partir daí, modifica-se o poeta e modifica-se o homem. Sua obra engaja-se no projeto de um mundo melhor e Deus vê-se transformado no operário que, de armas nas mãos, vai à praça lutar por direitos iguais.

É esse Deus, tornado humano, que vamos encontrar nas suas obras desse momento (1864-1874).

Cumprir notar, entretanto, que Antero, crítico tão severo da Igreja Católica após o Concílio de Trento, não consegue desvincular-se radicalmente de seus valores. Ao considerar o Cristianismo como um movimento revolucionário que deu à humanidade uma grande civilização, e compará-lo com o movimento necessário ao mundo de sua época, revela o quanto valoriza o Cristianismo, o quanto o considera como um processo positivo que deve inspirar uma nova Revolução, imprescindível à concretização da nova era tão desejada:

Meus senhores: há 1800 anos apresentava o mundo romano um singular espetáculo. Uma sociedade gasta, que se aluía, mas que no seu aluir-se, se debatia, lutava, perseguia, para conservar os seus privilégios, os seus preconceitos, os seus vícios, a sua podridão: ao lado dela, no meio dela, uma sociedade nova, embrionária, só rica de idéias, aspirações e justos sentimentos, sofrendo, padecendo, mas crescendo por entre os padecimentos. A idéia desse mundo novo impõe-se gradualmente ao mundo velho, converte-o, transforma-o: chega um dia em que o elimina, e a humanidade conta mais uma grande civilização. Chamou-se a isto o Cristianismo. Pois bem, meus senhores: o Cristianismo foi a Revolução do mundo antigo: a Revolução não é mais que o Cristianismo do mundo moderno. (QUENTAL, 1942, pp.141/142)

Para António Sérgio, os sonetos dessa época encontram-se agrupados no Ciclo do Apostolado Social e, embora sejam o objeto principal deste capítulo, torna-se impossível deixar de acrescentar-lhes algumas odes anteriores que, trazendo em si as grandes inquietações da época, servem como documento comprobatório do redemoinho de emoções em que se viu envolvido o poeta, no que se refere à sua antiga crença.

A partir dessas mudanças, teremos uma obra poética que, sem perder suas características autorais definidas, vai expor uma visão mais geral e ampliada do mundo de então: o lirismo de Antero põe-se a serviço da divulgação de objetivos sociais, mantendo, entretanto, sua originalidade proveniente da riqueza temática tão característica de sua obra:

Apesar de originada no particular e no individual, uma obra lírica pode ainda assim exprimir o que há de mais geral, mais profundo e mais elevado nas crenças, representações e relações humanas: o conteúdo essencial da religião, da arte, dos próprios pensamentos científicos, na medida em que se adaptem às formas da fantasia e da intuição e que penetrem no domínio do sentimento. (HEGEL, 1980, p.222)

Através dessa mudança de visão do mundo, tentaremos entender as transformações sofridas por Antero as quais, alterando sua idéia de Deus, ainda assim não conseguiram desvincular de sua trajetória a imanente presença divina:

Há dois templos no espaço – um deles mais pequeno;
O outro, que é maior, está por cima deste;
Tem por cúpula o céu, e tem por candelabros
A lua ao ocidente e o sol suspenso ao este.

De sorte que quem ‘stá no templo mais exíguo
Não pode ver nascer o sol, nem pode ver

As estrelas no céu – que os tetos e as colunas
Não o deixam olhar nem a cabeça erguer.

É preciso abalar-lhe os tetos e as colunas
Por que se possa erguer a fronte até aos céus...
É preciso partir a Igreja em mil pedaços
Por que se possa ver em cheio a luz de Deus!
(QUENTAL, 1943, p.199)